



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Sessão de Comunicação “Inclusão na Cultura, Esporte e Lazer”

SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA E MÍDIA: UM ESTUDO DO FILME GABY - UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Carla Silva Machado

Mestranda em Educação/ FACED- UFJF

Maria Angela Vasconcelos Fróes

Especialista em Mídia e Deficiência/UFJF

Marcello Dias de Miranda Carvalho

Especialista em Mídia e Deficiência/UFJF

Paula Maria Mello de Menezes

Especialista em Mídia e Deficiência/UFJF

R. Tiradentes, 401/ 202 - Sta. Helena – CEP: 36015-360. Juiz de Fora – MG

Telefone: (32) 3216 1733

E-mail: carlasmachado@hotmail.com

A questão da sexualidade sempre estimulou o imaginário e mexeu com os conceitos da humanidade, em princípio devido a uma ligação estreita com a perpetuação da espécie. Em seguida, com o desenvolvimento social e cultural, a sexualidade chega em nossa época envolta por mecanismos de controle e poder, como foi detectado por Foucault.

O sexo (leia-se sexualidade) chega aos nossos dias não apenas como uma necessidade biológica mas também como fator de diferenciação da espécie humana.

Também a deficiência, passa por essa “evolução”. De acordo com FONSECA (1987), as fases que identificariam como a humanidade percebeu e percebe a problemática da deficiência estariam resumidas em: *Preformismo*, no qual o deficiente era visto sob a ótica da superstição e malignidade. No *Predeterminismo* as características cognitivas estariam intimamente relacionadas à herança genética. O *Envolvimentalismo* defendia a cognição como herança social e cultural. O *Interacionismo* trata a cognição como a inter-relação entre hereditariedade e o meio. A *Modificabilidade Cognitiva* é a abordagem que sustenta os princípios da inclusão, em que segundo o autor “ podemos transformar o deficiente num ser autônomo, independente e capaz de aprendizagem e elaboração ideacional”. Cada uma delas remete a uma maneira de pensar e compreender as questões relativas à deficiência; embora atualmente a vanguarda que estuda essa característica humana tenha optado pelo termo “diversidade humana”.

Para uma melhor compreensão do termo diversidade nos apropriamos de BIELER e PINTO (s.n.t) :

Na natureza, todas as criaturas vivas possuem a mesma estrutura de código genético – o DNA. Num certo ponto do processo, os códigos começam a se diferenciar, trazendo identidade peculiar a cada espécie, a cada ser. Uma das belezas da vida está no fato de que o mesmo DNA, responsável por tantas semelhanças entre os seres vivos é também aquele que os torna tão diferentes e individuais.

Enquanto gerava sua família a Mãe Natureza assegurou-se de que a vida iria conter, ao mesmo tempo, simplicidade e complexidade. Cada peça do quebra-cabeças, mesmo a sua menor parte, tem um papel, de maneira (a única maneira) que este pode ser montado e mantido em equilíbrio. Sob a perspectiva do Ser Humano são necessários humildade e orgulho, para compreender e aceitar que somos realmente pequenos em todo o contexto do universo; porém, cada um de nós tem um papel que deve ser desempenhado para alcançar o equilíbrio. Devemos aprender sobre como viver em diversidade, como aceitar as diferenças individuais e como fazer com que elas nos beneficiem a todos.

Como, então, trabalhar essas questões, permeando com a Mídia?

Para todos nós integrantes do grupo que pretende trabalhar com essas questões, a Mídia tem importância decisiva na construção e reconstrução dos conceitos e dos pré-conceitos para uma resignificação destas duas interfaces da humanidade.

Ficou, então, para nós a seguinte questão: Como desenvolver um trabalho que pudesse contemplar a união de temas aparentemente tão distantes? Após vários encontros o grupo decidiu tecer considerações em primeiro lugar sobre as questões afetas à sexualidade, em seguida discorrer sobre alguns pontos que julgamos necessário ter algum conhecimento básico no que se refere à questão da diversidade (deficiência). Para concluir nosso raciocínio, decidimos optar por uma mídia que pudesse contemplar as duas temáticas iniciais. Desta forma, a mídia que optamos trabalhar foi o cinema, com uma pequena variante que é o filme em vídeo cassete.

O trabalho foi construído a partir do filme **Gaby – uma história verdadeira**, lançado em 1987, dirigido por Luís Mandok, tendo como atriz Rachel Levin que vive a escritora mexicana Gabriela Brimmer, este trata da biografia da escritora, portadora de paralisia cerebral.

O filme escolhido permite mostrar que as questões que afetam a sexualidade das pessoas com deficiência são as mesmas que fazem parte da vida de qualquer pessoa. Conforme depoimento do sujeito M.V.:

Primeiro, porque a questão da sexualidade é complicada p'ra humanidade em geral, os humanos não sabem lidar com a sexualidade. É uma questão cultural, da nossa formação (...). E valores também religiosos. Como a sexualidade está ligada, vamos dizer, a sexo profano da humanidade. A sociedade acha que o deficiente é meio intocável, é meio "anjo-sem-asa" e esse anjo não pode ser profanado . É negado p'ra gente porque é negado p'ra todo mundo. (FRÓES, 1998)

Atitudes inadequadas de negação e repressão da sexualidade do portador de deficiência refletem preconceitos que envolvem todos os outros indivíduos em função de valores morais, religiosos e culturais . Dentro desta perspectiva analisamos que é possível romper com os conceitos preestabelecidos. Cabe à mídia ser agente nesse momento de transformação exercendo seu papel de formador de opinião.

O apoio dado à discussão dos direitos e problemas da sexualidade dos deficientes por terapeutas, profissionais de reabilitação e, mais recentemente, pelos órgãos de comunicação, que deixam de ignorá-los e mais, partem em busca de soluções e

possibilidades de realizações junto ao deficiente, tem proporcionado a este, maiores oportunidades de se externar plenamente como ser humano, que tem entre outras necessidades e direitos, o amor, o sexo e a procriação, como fatores fundamentais para qualquer ser humano atingir sua realização pessoal e como meio de integração.

O direito a uma vida sexual livre, plena e satisfatória não se restringe a um determinado grupo social constituído por pessoas tidas como normais, assim como, segundo VASH (1998, p. 89), “os medos e dúvidas não guardam relação particular com a deficiência, uma vez que, geralmente, as pessoas apresentam algum problema com sua sexualidade”.

Historicamente, a repressão do sexo tem início no século XVII, coincidindo com o desenvolvimento do capitalismo, desestimulando o prazer em função da produtividade que exigia a força de trabalho concentrada. Prazer e produtividade tornam-se incompatíveis.

NUNES (1987) explica que todo esse processo repressivo da sexualidade dos séculos XVI ao XVIII começou a se transformar para atender às necessidades e conveniências desse mesmo capitalismo. Modificaram-se conceitos e comportamentos que iriam atuar de forma decisiva nos rumos do mundo moderno e contemporâneo, seja nas ciências, nas artes e no social, conseqüentemente alterando também os padrões de comportamento sexual.

A partir da década de 60 do século XX explodem os movimentos de contestação: “rock”, grupos feministas e de homossexuais, todos envolvendo a liberação sexual.

O desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação em prol de interesses econômicos massificou tais movimentos, num processo desenfreado de liberação sexual, tão radical quanto ao repressor de antes. Foucault *apud* Nunes (1987, p. 74), afirma que a sexualidade é hoje “o principal mecanismo de controle e de reprodução ideológica” do poder - o sexo é liberado para tornar-se objeto de consumo, sem se levar em conta o indivíduo, suas expectativas de realização pessoal na busca do prazer associado à afetividade. É a quantificação em detrimento da qualificação.

A evolução dos estudos da sexualidade humana só recentemente reporta às questões da sexualidade dos portadores de deficiência . Segundo Di Girolamo (1985), somente a partir

da metade da década de 1970 a questão da sexualidade vem sendo levantada, iniciando-se assim a ruptura do mito de que os portadores de deficiência são seres assexuados.

A partir da década de 80, com o Ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981), ganham maior implemento os movimentos e organizações políticas pela defesa dos direitos dos portadores de deficiência. Essa é também uma época fértil nos avanços dos estudos da comunicação, surgindo um grupo de pesquisadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham* (Inglaterra) que tornaram-se conhecidos como pesquisadores dos *Estudos Culturais*, esse grupo defende que “o receptor não é apenas um recipiente, mas co-participante do processo comunicativo (...). O receptor é visto como sendo também produtor de discursos, de sentido.” Os meios de comunicação são construtores sociais de sentidos e podem ser vistos como espaços públicos, comparados até com as praças públicas da Grécia, onde ocorriam os debates acerca das questões que envolviam a sociedade; os meios de comunicações transformaram-se, então, na nova praça pública onde o debate acontece de forma simbólica. A partir disso, os meios de comunicação vão levando ao receptor, e a televisão é um exemplo disso, contextos que aproximam o receptor do meio, caso esse receptor sinta-se por algum motivo excluído de algum direito, é levado a lutar de alguma forma para se incluir, para ser cidadão. Os direitos dos grupos são, nesse caso, conquistados, já que segundo SOUZA *apud* MENEZES “a recepção comporta o exercício de cidadania como um direito inerente.”

A análise feita pelo grupo de *Estudos Culturais* é bastante otimista na questão da relação meios de comunicação – receptor, porém, percebemos na prática que vários grupos não se sentem representados por esses meios, os portadores de deficiência seria um desses grupos. É notória que a representatividade desses na mídia é ainda pequena e muitas vezes a abordagem é feita de maneira errada e preconceituosa, criando uma falsa idéia da deficiência, presume-se, por exemplo, que esses indivíduos não têm desejos e impulsos sexuais, acredita-se erroneamente que por serem limitados em certos aspectos físicos eles devam também ser limitados em tudo o mais. Depoimentos de deficientes colhidos por Fróes (1998) comprovam esta visão distorcida que a sociedade tem em relação à sexualidade do deficiente. Vejamos o depoimento do sujeito M.V.:

A gente não foi ensinado a exercer essa sexualidade latente, que pode passar pelos olhos, pelo corpo inteiro e passa também pelos órgãos sexuais . Mas para chegar lá , eu tenho que me descobrir como mulher, inserida nesse contexto sócio-cultural machista.

Os mitos de beleza e sensualidade, estabelecidos de modo fantasioso, com criação de símbolos sexuais, têm provocado no deficiente uma forma de compensação, pela demonstração de sua capacidade profissional e intelectual, pela força de sua personalidade valorizando-se enquanto pessoa humana, aprendendo a respeitar o próprio corpo e saber que apesar de suas limitações ele pode proporcionar e sentir prazer numa relação de constantes descobertas e cumplicidade com seu parceiro ou parceira, desde que a própria relação vivida entre eles seja satisfatória.

Em relação à sexualidade, nossa sociedade e a mídia colocam uma grande ênfase no relacionamento homem-mulher, sendo o ato sexual a expressão mais completa desta. Esse conceito implica também que, se as pessoas não experimentam orgasmos intensos e freqüentes, elas estão deprimidas e insatisfeitas. É hora de corrigirmos essas generalizações e impressões errôneas. As únicas regras para a expressão sexual de uma pessoa é que ela deve ser voluntária, prazerosa e não-abusiva. À parte essa condição, as pessoas devem encarar com naturalidade o que quer que a satisfaça.

Os portadores de deficiência têm impulsos sexuais, mas muitos não sabem como traduzi-los em atitudes. Segundo depoimento de do sujeito L para Fróes (1998): “Nós portadores de deficiência, seja homem ou mulher, a gente vive muito reprimido em função dos pensamentos da gente (...) e do que o outro pensa da gente.” Uma palavra de advertência: algumas pessoas deficientes são de fato capazes de desfrutar do sexo de alguma forma, mas convenceram a si mesmos de que não podem. Não é provável que as coisas progridam se os deficientes mantiverem suas necessidades reprimidas em seu íntimo por não se sentirem capazes de se comunicar e não terem espaço na mídia.

É preciso que os espaços na mídia sejam melhor explorados e que os novos paradigmas sejam trabalhados pelos meios de comunicação, dando espaço a filmes entre outros meios que retratam com maior fidelidade a sexualidade do portador de deficiência, como **Gaby – uma história verdadeira**, do diretor Luís Mandok que aborda a sexualidade ilustrando que a incapacidade de encontrar um companheiro não está ligada a uma deficiência, mas sim a problemas com a personalidade e a auto-imagem.

O filme ao retratar a vida da escritora mexicana Gabriela Brimmer mostra-nos uma mulher que sente desejos e não vê empecilhos para realizá-los. É, certamente, uma maneira nova de tratarmos de um assunto tido muitas vezes como constrangedor ou

completamente fora da realidade do deficiente, ou ainda, visto como menos importante por muitos.

Falar sobre a sexualidade do portador de deficiência implica em considerar tal temática como um fenômeno com múltiplas facetas interligadas. As questões econômicas, políticas, culturais e educacionais perpassam toda a problemática sexual vivida pelo ser humano. Ficando claro, neste trabalho, a necessidade de se investir em programas de educação sexual, além de uma abordagem em torno dos conceitos que envolvem a diversidade. Somente assim, poder-se-á pensar numa sociedade em que a sexualidade seja encarada como um dado natural, independente de qualquer condição física, mental, sensorial ou econômica.

Referências

- BIELER, R.B. & PINTO, V.M.N. *Diversidade e deficiência no novo milênio*. (F.N.T.)
- DI GIROLAMO, F. P. A sexualidade da mulher portadora de deficiência física. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, v. 6, n. 2, p.197-203, jul/dez, 1995.
- FONSECA, V. *Educação especial*. Porto Alegre: Artes médicas, 1987. 127p.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I; a vontade de saber*. Trad. Maria T da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 149p.
- FRÓES, M.A.V. *Sexualidade do portador de deficiência*. 1998. 34F Monografia (Especialização em Educação Especial) FAGED,UFJF, Juiz de Fora.
- MENEZES, J. E. O. Comunicação como ciência da cultura: os meios como espaços de construção dos sentidos .*Revista de Pesquisa Comunicare*. Faculdade de Comunicação Cásper Líbero: São Paulo.n.1,V.2, p. 47-58, fevereiro,2002.
- NUNES, A. C. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus, 1987. 101p. (Série Educando).
- VASH, C. L. Sexualidade e intimidade. In:____. *Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação*. São Paulo: Pioneira/Editora da Universidade de São Paulo, 1988. cap. 5. p. 81-100.